

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lenita Kátia Silva de Oliveira

**O RESGATE DE BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NO ESPAÇO DE
UMA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte
2013

Lenita Kátia Silva de Oliveira

**O RESGATE DE BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NO ESPAÇO DE
UMA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE BELO HORIZONTE**

Trabalho de conclusão de curso de especialização, apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador : Rogério Correia

Belo Horizonte
2013

OLIVEIRA, Lenita Kátia Silva .*O resgate de brincadeiras tradicionais dentro do espaço de uma unidade de Educação infantil de Belo Horizonte*. Monografia (Especialização em Docência Infantil). Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.Orientador :Rogério Correia

RESUMO

O trabalho a seguir trata da utilização do espaço externo de uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) de Belo Horizonte. A proposta foi a de fazer o resgate de brinquedos e brincadeiras tradicionais dentro deste espaço e buscar conhecer melhor esta cultura, que é transmitida de geração em geração. Através desta proposta houve a interação da família com a escola. Por considerar que os jogos tradicionais tem fundamental importância para a construção do conhecimento, para as interações sociais e em sua relação com a cultura e aprendizado, este trabalho visou resgatá-lo apoiado na ideia de que a criança é um ser ativo e agente em relação a seus fazeres.

Palavras-chave: Espaço, Brinquedos e brincadeiras tradicionais, Educação Infantil

ABSTRACT

The following work deals with the use of the Outer Space of a Municipal Unit Childhood Education (UMEI) of Belo Horizonte. The proposal was to make the rescue of traditional toys and games within this space and look better understand this culture, which is transmitted from generation to generation. With this proposal there was interaction between the family and the school. Considering that traditional games have fundamental importance for the construction of knowledge, for social interactions and their relation to culture and learning, this study aimed to rescue it supported the idea that the child is an active agent and be balanced your doings.

Keywords: Space, toys and traditional games, Child Education

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	05
1.1.	Justificativa.....	07
2.	Fundamentação Teórica	
2.1	A importância do brincar	08
2.2	Brinquedos e brincadeira : O resgate dos jogos tradicionais infantis	12
2.3	O brincar nas instituições de Educação Infantil	16
2.4	A importância de se observar e pensar o espaço escolar	18
3.	Contextualização da escola	20
3.1	O espaço externo desta Umei um olhar diferenciado	21
4.	Metodologia.....	22
5.	Coleta de dados.....	23
6.	Plano de Ação.....	26
7.	Conclusão.....	31
8.	Referências.....	32
9.	Apêndice	
A	Questionário enviado às famílias	33
B	Termo de livre consentimento e esclarecimento à família.....	34
10	Anexo.....	35
A	Baragandão.....	35
B	Corre cutia.....	35
C	Peteca.....	36
D	Elefantinho Colorido.....	36
E	Corda.....	37
F	Pião.....	37
G	Queimada.....	38
H	Fotos de brincadeiras nos espaços externos da Umei.....	39
I	Registro das brincadeiras.....	42

1.INTRODUÇÃO

Percebo que a cada dia o tempo do brincar vem diminuindo, as crianças de hoje em dia ficam cada vez mais tempo em frente aos computadores, jogando vídeo game, ou em frente da televisão, atividades estas que em sua maioria são executadas individualmente. Assim, torna-se cada vez mais difícil a socialização, e as interações com outras crianças. Não tenho como intenção realizar uma crítica ao brincar decorrente das novas tecnologias e meios de comunicação, visto que estes também são instrumentos mediadores das relações entre sujeito e objeto de conhecimento.

Observo que as crianças estão se tornando mais individualistas, têm dificuldades de partilhar, em dividir e vão ficando cada vez mais egoístas. Este é um fator que deveria ser alvo da preocupação de muitos. Outra coisa que muito me incomoda é perceber que as crianças de hoje conhecem quase que exclusivamente os brinquedos industrializados que são feitos em massa e são oferecidos pelas lojas. Com isso, as crianças acabam sendo privadas do conhecimento de que é possível confeccionar o próprio brinquedo e da possibilidade de se divertir com ele.

Lembro-me de ver os meus pais falando da infância que tiveram como devia ser legal confeccionar as próprias bonecas, os carrinhos de rolimã, fazer comidinha no quintal, e amarrar uma gangorra debaixo dos pés de fruta. lembro - me também da minha infância como era bom andar de “velocípede” no quintal de casa, e as brincadeiras de rua como eram divertidas, rouba bandeira, Cabra cega, queimada, amarelinha, salada mista, passávamos o dia inteiro nestas atividades se nos fosse permitido. Era muito mágico. Hoje, tenho o desejo que as brincadeiras possam despertar nas crianças a magia de brincar, a atração pelo jogo, pelo lúdico.

Atualmente as crianças conhecem poucas brincadeiras. O espaço da rua já não existe mais para as nossas crianças, que vivem a maior parte do tempo aprisionadas dentro das casas, dos apartamentos, e assim os momentos de brincar estão sempre associados à imagem da televisão, a tela do computador e outros recursos informatizados cada vez mais modernos.

É importante levantar as seguintes questões: quais são os espaços que as crianças têm hoje para brincar? Onde nossas crianças estão brincando? E nas escolas? O espaço da escola favorece o brincar?

No que se refere ao brincar nas escolas, especificamente, na Educação Infantil, nos últimos anos estas instituições tem sido palco de um debate sobre a importância do direito de brincar intensificando-se, sobretudo a partir do crescimento e expansão de novas escolas,

creches para atender o público infantil. A brincadeira deixou de ser vista apenas como um ato fortuito e sem consequências maiores e passou a ser valorizada no espaço escolar como sinônimo de desenvolvimento e forma de aprendizagem da criança. Apesar do debate, as praticas do brincar nas instituições de educação infantil destoam dos debates, pois constata-se um brincar colocado em segundo plano no planejamento da rotina das turmas. Muitos professores justificam que o brincar não acontece, dentre outras coisas, porque os espaços dentro de algumas instituições seriam insuficientes para a realização das brincadeiras, e com isto o ato de brincar vai ficando cada vez mais reduzido na vida de nossas crianças. Todavia, observando a realidade da instituição em que trabalho e as formas como professoras organizam o brincar das crianças e ocupam os espaços da instituição, avalio que existiria sim uma má gerencia e uso dos mesmos, associada a uma determinada visão do brincar das professoras que impedia outras possibilidades exploração do potencial que estes espaços teriam para a realização das brincadeiras. Apesar de a instituição ter um espaço externo amplo cheio de possibilidades, que favoreça a realização de vários tipos de brincadeiras, os mesmos são utilizados apenas no momento de recreação das crianças. Outro exemplo seria dificuldade das professoras em promoverem as brincadeiras entre crianças de idades diferentes.

Nesta monografia propus fazer uma analise sobre a forma com que a brincadeira vinha sendo inserida dentro da rotina e nos espaços externos da instituição de Educação Infantil. Para isto foi necessário compreender o atual uso que faziam professores e crianças dos espaços externos da UMEI. Tinha também a intenção de desenvolver um projeto de intervenção pesquisando e buscando juntamente com os professores formas de aproveitar da melhor forma possível o tempo e o espaço do brincar dentro desta UMEI, e aproveitar a oportunidade para promover o resgate de brincadeiras antigas, com o apoio das professoras e das famílias. Procuramos desenvolver situações significativas e lúdicas de aprendizagem em relação aos brinquedos e brincadeiras propostos.

1.1 Justificativa

Escolhi o tema, pois observei que dentro da Umei havia uma escassez de propostas de atividades lúdicas e pouca utilização dos espaços externos da escola. Observando o brincar dentro da instituição comecei a perceber que as crianças estavam ficando muito tempo dentro da sala de aula, percebi também que a Umei possuía um espaço único, mas que poderia ser dividido entre as professoras e as crianças para uma proposta de brincadeiras que trabalhassem com a motricidade, a criatividade, a socialização das crianças.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A importância do brincar

Muitas discussões são feitas acerca do brincar. O que a princípio, pode parecer um ato simples, mostra-se atualmente de extrema importância para o desenvolvimento infantil. Nos dias de hoje tem se relacionado o brincar à saúde mental e física das crianças. De acordo com o pensamento psicanalítico, ao brincar, a criança expõe sentimentos, angústias, medos, alegrias e desenvolve suas potencialidades. Segundo Vieira, Carvalho e Martins (2005), em seu texto sobre a concepção do brincar na psicologia,

As experiências que sentimos como dolorosas ou traumáticas, com os medos e as angústias que lhe são associados, também podem ressurgir nos sonhos, nas fantasias e no brincar. A criança, por exemplo, pode se sentir compelida a brincar repetidamente com o que lhe causa sofrimento.(VIEIRA,CARVALHO, MARTINS, 2005, p. 32)

De uma perspectiva sociocultural, o brincar da criança possibilita assimilar objetos, interagir com a cultura e com o mundo, e está associado ao desenvolvimento de afetos. Segundo Vygotsky (1998) o sujeito se constitui nas relações com os outros por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Sobre a aprendizagem da perspectiva de Vygotsky, Wajskop (1995) diz:

Para Vygotsky, a aprendizagem configura-se no desenvolvimento das funções superiores, mediante a apropriação e internalização de signos e instrumentos num contexto de interação. (WAJSKOP, 1995, p. 67)

Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito. O autor também se refere à brincadeira como uma maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos conhecimentos surge, nas crianças, através do brincar. A criança por intermédio da brincadeira, das atividades lúdicas, atua nas diferentes situações vividas pelo ser humano, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes. No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando.

Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças, podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. (WAJSKOP,1995,p.67)

O brincar também pode ser um fator que irá favorecer que as crianças vivenciem sua imaginação e desenvolvam sua capacidade criativa. Nas mãos de uma criança as coisas se transformam, um simples cabo de vassoura pode se transformar em um cavalo de pau, uma espada, e tantas outras coisas que os adultos nem imaginam. Como é interessante ver que um simples pedaço de pano pode ser um belo cabelo comprido, uma capa de super-herói, um manto de enrolar o bebê, e até mesmo o bebê que as meninas carregam no colo. Denomina-se “Faz de contas”, este jogo de imaginação.

A imaginação não é mentira, ela é “de mentirinha”, de “faz de conta”, do “como se”, no dizer das crianças. Nesse espaço, tudo vira de ponta-cabeça. É como se, com uma varinha de condão, lançássemos um novo tempo/lugar onde estamos. (PEREIRA,2005,p.18).

As crianças dão significados próprios às brincadeiras e estabelecem relações lúdicas com os objetos, pessoas e espaços. Através das brincadeiras, as crianças interagem com o outro, o que promove a sua socialização e aquisição de conhecimento. Brincando com outras pessoas, crianças ou pessoas que já tenham o conhecimento adquirido, poderá propiciar situações de aprendizagem.

Segundo Pereira (2005), há no ser brincante uma intencionalidade. Isto é, brinca-se com determinado sentido. Porém, somente quem brinca conhece a intencionalidade da brincadeira. É possível fazer leituras desses sentidos, que nem sempre são os mesmos de quem está brincando. Desta forma, entende-se que a brincadeira e o ato de brincar tem estreita relação com a constituição da criança enquanto sujeito de direitos inserido socialmente.

É neste fenômeno que a criança encontra alimento para sua condição humana e seu crescimento como sujeito de cultura, na busca de dar significado à sua vida e buscar novas maneiras de experiência lá. Não é à toa que as crianças repetem certas brincadeiras. Ali, há uma vivência que as direciona para uma realização interna da eterna incompletude do ser. Essa busca gera cultura, traduzida nas brincadeiras, nos brinquedos, nos jogos e em toda sorte de ações que alimentam a experiência humana. Não há brinquedo que não esteja ligado a essa dimensão existencial de busca. Dar significado é uma atividade genuinamente nossa, e resignificar – dar novos significados - é a demonstração da mobilidade humana de reelaborar e estabelecer novas conexões entre as ações que fazemos. Dai surge aquilo que chamamos novo. Inauguramos, a todo instante, uma nova possibilidade. Cada ato, na esfera do brincar, é uma atmosfera de que a vida não é estática. É um constante movimento repleto de surpresas e dados que se expressam numa manifestação de cultura.

VIGOTSKY (1989) afirma que a aquisição do conhecimento se dá através das zonas de desenvolvimento, a real e a proximal. A zona de desenvolvimento real é o conhecimento já adquirido, é o que a pessoa traz consigo. Já a zona de desenvolvimento proximal, só é atingida com o auxílio de outras pessoas "mais capazes", que já tenham adquirido esse conhecimento.

A brincadeira desempenha um papel de grande importância para o desenvolvimento infantil, pois brincando a criança se comporta de maneira mais avançada do que nas suas atividades da vida real, essa é uma forma de observarmos como o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal. "Por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios de ação, pela exploração, ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção do saber-fazer" (KISHIMOTO, 2002. p.146).

O faz-de-conta é grande aliado na criação da zona de desenvolvimento proximal, ela permite que a criança aja em um cenário representando um papel específico de acordo com as regras de sua cultura. É visível que mesmo existindo a diferença entre o comportamento na vida real e o comportamento na brincadeira, quando a criança atua no mundo imaginário ela cria uma zona de desenvolvimento proximal. O brinquedo pode instalar situações imaginárias e sujeição a certas regras de conduta.

Pode-se também pensar no brincar como forma de comunicação, durante as brincadeiras as crianças se comunicam entre si, comunicação esta que muitas vezes extrapolam as falas e as letras, mas que é movida pela intencionalidade de quem brinca.

No primeiro capítulo do livro *Brincades*, Eugênio Tadeu Pereira faz um relato de uma experiência vivida no México com uma criança dentro de um ônibus em que é possível identificar o brincar relacionado à comunicação. O autor percebe uma criança no colo da mãe a sua frente do seu lado direito, e começa a tentar uma comunicação com a criança, mas a princípio sem resposta aparente da criança. Então, ele se lembra de um cavalinho de pau que tinha em mãos e começa a aproximar e a afastar o cavalinho da criança.

Os olhos do menino começaram, aos poucos, a mostrar um brilho diferente e, nesse embalo, pude vê-lo abrindo o rosto, sorrindo e aceitando o convite para a brincadeira. Entrara no jogo, (...) (PEREIRA, 2005, p.17)

Percebe-se que através da brincadeira o autor estabelece um diálogo com a criança. Assim, há uma dimensão do brincar que remete a linguagem e a comunicação. Segundo Pereira, uma linguagem estava explícita ali entre dois seres de universos distintos, mas próximos, que brincavam.

A brincadeira, então, é repleta de gestos e sons que se inter-relacionam, formando um fenômeno que, movido pelo desejo e pela intencionalidade de quem brinca, deixa entrar aquilo que é reconhecido sem falas, sem letras, talvez por qualquer ser humano que se reconheça brincante.(PEREIRA,2005, p.18).

Se se tomar como referência a questão do espaço e tempo enquanto fatores intrínsecos às brincadeiras, assim como proposto por Pereira (2005), há de verificar que os fatores imaginários também estarão submetidos ao espaço e o tempo, singulares ao contexto da brincadeira. Assim, Pereira (2005), ao afirmar que “A imaginação é marcada pela capacidade de conferir diferentes significados a algo dado”, remete também a questão da linguagem e da comunicação. A imaginação, enquanto o tempero do brincar mostra-se como um importante aspecto da comunicação e da linguagem. Dessa forma, há de se relacionar a ideia de Zona Proximal de Vygotsky com o aspecto comunicativo e linguístico do imaginário presente no brincar proposto por Pereira. É plausível e provável que ao brincar, assumindo papéis, simulando situações e lidando com regras a criança abre maior leque de possibilidades de desenvolvimento e relativização de significados. Assim, a brincadeira, que tem o imaginário enquanto o seu pano de fundo e aporte linguístico, cria uma zona de desenvolvimento proximal para a criança.

Assim ao brincar a criança vai dando significado e resignificando as brincadeiras e nos mostrando que cultura não é algo estático, mas dinâmica que se renova a partir das interações.

Pensando em interações é pertinente verificar como se dá o brincar dentro das instituições de Educação Infantil, como as crianças se interagem através do brincar e como os professores se vêm dentro deste contexto.

2.2 Brinquedos e brincadeiras: o resgate dos jogos tradicionais infantis

Quem me ensinou este jogo foi meu avô. Ele brincava quando era criança, só que na rua e com bola de meia. (Apud Friendmann,1996,p.39)

Brincar de pique esconde amarelinha, corre cotia, queimada, pula corda, parece coisa do passado, e realmente pode ser se os adultos não trouxerem a tona as brincadeiras que brincávamos enquanto criança. A falta de tempo para se comunicar com os filhos faz com que a relação adulto/criança se dê quase sem diálogo, sem troca de conhecimentos e de valores. Os pais, por não terem tempo de brincar com seus filhos tentam compensá-los atendendo aos apelos da mídia e ofertando a eles brinquedos variados. Na maioria das vezes estes brinquedos são vídeo games, celulares, tablets e outros, que vão surgindo a cada instante. De certa forma, estes tipos de brinquedos, em sua maioria, obrigam os filhos a permanecerem horas e horas de maneira estática. Em uma sociedade cada vez mais industrializada, o convívio das crianças com os jogos de computadores e brinquedos eletrônicos passou a ser constante, o que torna o brincar mais individualizado.

O Brincar possibilita o resgate de valores sociais essenciais, é uma forma de comunicação entre as gerações, um instrumento de aprendizagem e de valorização do patrimônio lúdico-cultural em diferentes contextos. Por exemplo, quando as crianças brincam de casinha:

(...) há leituras que vão além do que está sendo visto e que é necessário, aos olhos de quem observa ficar atento as nuances dos sons, gestos, afetos e desafetos presentes no momento da brincadeira, para ler este “acontecimento”. Esse “acontecimento” é (...) capaz de mobilizar estruturas internas profundas advindas da própria experiência individual e do imaginário coletivo, transmitido de geração a geração. (PEREIRA, 2005, p. 23)

Por meio das brincadeiras podemos compreender a cultura de um povo, e é brincando que a criança começa a ter contato com o mundo a sua volta (KISHIMOTO 2006). Entende-se por cultura “... o conjunto de ações e frutos de ações humanas que transmitidos de geração em geração, constituem a identidade de um grupo humano e, ao mesmo tempo, o meio em que pelo qual se constitui a identidade de seus membros”. (CARVALHO & PONTES, 2011).

Partindo deste ponto de vista podemos considerar a brincadeira como produto cultural. Certas formas de brincar são reconhecidas universalmente, como o esconde-esconde, já presente nas brincadeiras dos bebês, e o faz de contas. As brincadeiras se fazem presentes na história da humanidade ao longo dos tempos e fazem parte da cultura de um país, de um povo.

Existem alguns jogos e brincadeiras como a maioria das brincadeiras “de rua”

tradicionais: a pipa, o pião, a bola de gude, as cinco pedrinhas, a amarelinha, jogos de bola, pique esconde que podem ser considerados como parte do patrimônio cultural humano. Ao citarem essas e outras brincadeiras, Carvalho e Pontes afirmam que,

As brincadeiras (...) têm um grau extraordinário de universalidade, tanto temporal, quanto espacial. Repetem-se, com especificidades regionais, em inúmeros ambientes socioculturais diversos ao longo da história humana. Por outro lado, são sem sombras de dúvida, tradições culturalmente transmitidas de geração em geração. (CARVALHO&PONTES, 2011, p.16).

Se as brincadeiras são produtos culturais, entende-se que, assim como a cultura, as brincadeiras também se modificam e se transformam ao longo das gerações. É importante salientar que as brincadeiras infantis que persistem em todo o mundo ainda são quase sempre jogos muito simples e divertidos. Em geral, não demandam objetos e desenvolvem muitas habilidades. Em sua maioria, tiveram origem nos costumes populares cujas práticas eram mais realizadas pelos adultos do que pelas próprias crianças, como ritos religiosos carregados de conteúdos simbólicos. Todavia esses mesmos ritos religiosos passaram a fazer parte das brincadeiras das crianças constituindo aquilo que passamos a chamar de culturas infantis. Segundo Carvalho e Pontes (2011),

Brincadeiras são como rituais que se transmitem, repetidos ou recriados, em ambientes socioculturais distintos. Via de regra, essa transmissão se dá no próprio grupo de brincar, sem interferência adulta, das crianças mais velhas para as menores (...). Ou entre pares de idade. (CARVALHO &PONTES, 2011,p. 15-16).

Ao se interagir uma com as outras as crianças vão produzindo cultura e transmitindo essa cultura a outros através das suas brincadeiras. Podemos perceber então a criança como agente ativo de transmissão, elaboração e recriação de cultura.

Ainda hoje nos lembramos das brincadeiras que fizeram parte de nossa infância, pois, por meio destas brincadeiras, aprendemos a dividir, cooperar, ganhar ou perder. Valorizar a história e a cultura das brincadeiras das gerações anteriores pode vir a ser uma forma de apresentar as crianças de hoje um conhecimento que lhe proporcionará o desenvolvimento físico, social e corporal, promovendo assim uma reflexão sobre a importância e o papel dos nossos pais e avós, e como eles podem contribuir para as novas gerações.

Lembrar de onde surgiram os jogos não é querer ser nostálgico; é sim resgatar um “tesouro” guardado na nossa infância, na dos nossos pais e avós.(FRIEDMANN,1996,p.40)

Chamamos de jogos tradicionais os jogos e brincadeiras que antecedem a modernidade. Sabe-se que são reflexo de uma sociedade ou de uma época, são passados e repassados de geração em geração e são tidos como folclóricos. Não se sabe de fato a origem dos jogos tradicionais, mais sabemos que eles fazem parte de nossa história.

O folclore caracteriza –se por ser transmitido oralmente de uma pessoa a outra, de um grupo a outro, e de uma geração a outra por imitação e sem organização de situações formais de ensino- aprendizagem. (FRIENDMANN, 1996, p.41).

Kishimoto (2003) afirma que compreender a origem e significado dos jogos tradicionais requer uma investigação das raízes folclóricas de nossa história durante a colonização no Brasil, que com a chegada dos lusitanos, muitos costumes e tradições foram trazidos de Portugal. Costumes relacionados à arquitetura, a culinária, ao modo de se vestir, as músicas, aos jogos e as brincadeiras tradicionais. Alguns exemplos dessas brincadeiras são: pião, o jogo de botão, bolinhas de gude, e a amarelinha.

Os negros trouxeram um folclore muito rico de suas terras na África, com características fortes que estão presentes até os dias de hoje em nossas tradições, como a brincadeira do “Faz de conta” e os personagens folclóricos, como “Saci-Pererê”, a “Mula sem cabeça”, e o “Boitatá”, figuras que ainda habitam o imaginário das crianças e fazem parte de muitas histórias infantis.

Porém, antes da chegada dos africanos, nossas terras já eram habitadas pelos nativos. O povo indígena contribuiu muito com suas brincadeiras fortemente ligadas a natureza e com suas danças, que é um forte elemento folclórico.

O Brasil sofreu a influência de vários povos, cada um contribuiu com um pouco de seus costumes e tradições, gerando essa mistura cultural que é característica marcante do povo brasileiro. Há grande variedade de costumes e tradições presentes nas danças, no artesanato, nas brincadeiras e nos jogos tradicionais brasileiros, que surgiram das misturas entre o negro, o índio e o branco. Entende-se que a cultura popular brasileira atual está diretamente ligada e é fruto destas influências. Assim, essa cultura pode ser resgatada e difundida nas escolas entre nossas crianças.

Kishimoto (2003) afirma que os jogos populares estão sempre em transformação, incorporando criações anônimas das gerações que vão se sucedendo. Por ser um elemento

folclórico, o jogo tradicional assume característica de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade.

Considerado parte da cultura popular, os jogos tradicionais devem ser utilizados pelos professores, pois fazem parte da cultura infantil, influenciando diretamente na formação da identidade sociocultural. A escola deve fazer parte dessa construção histórica da criança, se comprometendo com o resgate dos valores culturais e com as tradições, proporcionando a prática de atividades que levem os alunos a refletirem sobre a cultura popular.

O jogo tradicional faz parte do patrimônio lúdico-cultural infantil e traduz valores ,costumes, formas de pensamento e ensinamentos Seu valor é inestimável e constitui, para cada indivíduo, cada grupo, cada geração, parte fundamental da sua história de vida. (FRIENDMANN,1996,p.43).

Os jogos tradicionais vão proporcionar para a criança seu desenvolvimento integral, visto que, os mesmos possibilitam para quem brinca uma grande variedade de movimentos, atua no desenvolvimento de uma melhor consciência corporal, melhorando a motricidade, a cognição e ajuda na socialização. Suas contribuições vão além desses aspectos. Por serem transmitidos de geração em geração os jogos tradicionais tem características de anonimato, tradicionalidade, fazendo parte da cultura lúdica infantil.

O folclore infantil serve como veículo de transmissão de elementos culturais. A cultura infantil é constituída de elementos folclóricos aprendidos na rua e que provêm da cultura do adulto. Transferem-se por aceitação e permanecem entre as crianças. (FRIENDMANN, 1996,p.41).

Resgatar esses jogos dentro da escola é propiciar o resgate de nossa cultura popular, e é este o meu desejo de poder trazer para as crianças a oportunidade de fazê-las conhecer um pouco mais de nossa cultura, para que a mesma não se perca. Não tenho a intenção de realizar uma crítica ao brincar decorrente das novas tecnologias e meios de comunicação, visto que estes também são instrumentos mediadores das relações entre sujeito e objeto de conhecimento. Porém considero os jogos tradicionais de fundamental importância para a construção do conhecimento, como também para as interações sociais. Acredito que devemos ter um olhar diferenciado para brincar, procurando ultrapassar o pensamento inclusive nas escolas, de que brincar é apenas lazer e passatempo ou que deve ser desenvolvido apenas no recreio, deixando assim de explorar outros espaços da escola.

Não podemos negar essa realidade nem as transformações que o jogo sofreu; devemos, sim tentar “trabalhar” com elas. Acredito que o caminho para tal está no resgate do jogo nos diferentes contextos sócio- culturais, pensando em saídas integradas dentro da escola, na família e na comunidade. (FRIENDMANN, 1996,p.46).

2.3 O brincar na instituição de Educação Infantil

A Educação é algo imprescindível na vida do ser humano. É na Educação Infantil que a criança vivência com maior intensidade o lúdico, e cabe ao professor planejar as aulas sempre utilizando materiais adequados e um espaço educacional que permita maior interação da criança com o universo escolar. Estes fatores propiciam a criança maior prazer em estar na escola, e maior gosto pela educação. No brincar, o jogo é muito importante, sendo a escola fundamental pela seleção de jogos para que possa ser enriquecido cada vez mais o ato de ensino-aprendizagem. Por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente que é importante vivenciar a partilha e atividades em grupo com os colegas.

É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção... Como se fora brincadeira de roda. (MARCELINO, NELSON.C.,1996.p.38).

Uma criança que tem oportunidade de estar inserida em um espaço que lhe proporciona desenvolvimento da criatividade terá mais chance de ser um adulto mais autônomo com possibilidades de se expressar, pois o lúdico permite uma maior interação com o social. Segundo Ferreira (1998), “É importante oferecer a criança ambientes agradáveis onde se sinta bem e a vontade, pois a criança deverá se sentir como integrante do meio em que está inserida”.

A educação infantil deveria ser o espaço destinado ao brincar, visto que atualmente muitas crianças não têm espaços apropriados para desenvolver esta prática, a maioria delas mora em aglomerados, apartamentos pequenos, ou mesmo dividem o lote com várias famílias, impossibilitando assim espaços destinados ao brincar.

Em relação ao espaço do brincar, que tradicionalmente se dava na rua, houve um recuo: brincar na rua é um risco; dentro de casa, o espaço é muito limitado. Alternativamente, os condomínios dos apartamentos têm surgido como um novo espaço de jogo e troca entre as crianças; na escola o pátio é a principal “testemunha” do jogo infantil. (FRIEDMANN,2002 p.15)

Mas nem sempre isto acontece, o espaço da escola está se tornando apenas um lugar de aquisição de conhecimento. Existe uma grande preocupação em preparar o aluno, ou seja, como se fosse papel da educação infantil preparar a criança para o ensino fundamental. Dentro desta visão é necessário preparar o corpo, controlar a mente, e o brincar que deveria ser o foco dentro das instituições de educação infantil vai a cada dia perdendo seu espaço. As professoras colocam em seus planejamentos diários e estabelecem em suas rotinas atividades que visam à alfabetização, letramento, o cálculo e outras que são extremamente importantes. Contudo, observa-se que os professores não conseguem perceber que o brincar também produz conhecimento e aprendizagem, e que aprender brincando é uma das propostas da educação infantil.

Sabemos que o processo de elaboração do conhecimento na escola é complexo. Observo que as professoras, muitas vezes, organizam suas ações pedagógicas sem retomar suas próprias trajetórias, experiências, saberes, infâncias, brincadeiras, teorias, referenciais e parâmetros, de cuja elaboração não participaram ou nos quais não foram incluídas de forma extremamente apassivada. Muitas vezes não se reconhecem naquilo que se veem obrigadas a fazer. (DEBORTOLI, 2005, p.66)

Às vezes é possível perceber que os professores recorrem a atividades que escolarizam, respaldadas pelo discurso dos pais, que pedem que alfabetizem seus filhos para que não cheguem ao ensino fundamental defasados em relação à uma demanda social. Temos que admitir que nossa sociedade ainda está presa a uma cultura escrita. A brincadeira que deveria ser o princípio da educação infantil acontece com hora marcada, e muitas vezes em espaços restritos.

Percebo uma dificuldade das professoras em reconhecer o lugar social e a importância de mediações sistematizadas, projetos e princípios claros e intencionais. As ações das professoras acabam recaindo em uma ideia de aprendizagens naturais-espontâneas. Como emergem tensões inevitavelmente, o lugar de professora acaba preenchido pelo que historicamente se vê em obrigadas a fazer: conter e controlar corporalmente como sinônimo de organização, autoridade e competência pedagógica. (DEBORTOLI, 2005, p. 65)

É na Educação Infantil que a criança vivência com maior intensidade o lúdico, e por isso cabe ao professor planejar suas aulas utilizando materiais adequados e um espaço educacional que permita maior interação da criança com seus pares e com o universo escolar, proporcionando ao educando prazer por estar na escola e pela educação.

2.4 A importância de se observar e pensar o espaço escolar

Pensar em educação infantil é pensar em tempos e espaços. Por volta de 1950 e 1960 de acordo com estudos realizados, os espaços impunham ordem e disciplina em detrimento as necessidades das crianças. As plantas dos prédios escolares previam os espaços como modo de controle da disciplina, com salas organizadas com carteiras enfileiradas, corredores estreitos, de modo a disciplinar os corpos. Ainda hoje podemos perceber a disciplina e controle dos corpos, pois de um modo geral os educadores têm preferências por realizarem trabalhos dirigidos feitos individualmente, não preveem espaços para as atividades coletivas e ainda encontram dificuldade de orientar os seus trabalhos para escolhas feitas pelas crianças sem sua constante vigilância e ordenamento, todas as atividades giram em torno do adulto, garantindo assim um bom comportamento. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação infantil (1998, vol.1, p. 69):

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas. Deve ser pensado e rearranjado, considerando as diferentes necessidades de cada faixa etária, assim como os diferentes projetos e atividades que estão sendo desenvolvidos. (BRASIL, 1998, vol.1, p.69).

Portanto, se faz necessário observar e repensar os espaços escolares principalmente dentro das instituições de educação infantil.

Segundo HORN (2004) É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual inserem emoções. Essa qualificação do espaço físico é o que o transforma em ambiente. Assim sendo, em um mesmo espaço, podemos ter ambientes diferentes.

A organização do ambiente influencia no desenvolvimento infantil e consequentemente sobre a prática pedagógica nas instituições de educação infantil, mas não basta à criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente.

Então, pode-se pensar que está nas mãos dos professores pensarem, observarem e utilizarem melhor os espaços e ofertarem atividades que propiciem aprendizagens significativas, que sejam pautadas na ludicidade e que respeitem as especificidades infantis. Desta forma, acredita-se que a ocupação e organização dos espaços são desafios para o professor, mas também para as crianças. Conforme o espaço é concebido e disposto, ele pode

ser, ou não, um ambiente no qual a criança pode criar, estabelecer relações, fazendo deste um ambiente acolhedor e prazeroso.

Para a criança, o espaço é o que se sente, o que se vê o que se faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter de ficar quieto, é esse lugar onde pode ir olhar ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não tocar chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço. (FORNERO, apud ZABALZA, 1998, p.231).

Segundo HORN (2004) O simples fato de organizar a sala de aula desta forma não garante uma atuação descentralizada por parte do adulto e, conseqüentemente, a construção da autonomia pela criança. Valeria a pena destacar a relação que existe entre controle e emancipação. Permitir que as crianças escolham seus materiais, desenvolvam competências ao realizarem atividades por sua iniciativa e que fiquem sozinhas não garante, por si só, uma atitude emancipatória. É na relação com o professor que os processos de controle se constroem como duas relações únicas. Podemos interpretar tal situação a luz do que entendemos hoje como protagonismo infantil, no qual a criança é considerada como ator dos seus processos sociais, não “pedindo licença” para se emancipar.

Algo que devemos considerar é que o espaço escolar não está apenas associado às paredes da sala de aula. Os espaços externos são prolongamentos dos espaços internos, sendo utilizados por meio de uma perspectiva pedagógica.

Pensando na área externa da escola, há que se criarem espaços externos lúdicos que sejam alternativos e que permitam que as crianças corram, balancem, subam, desçam, escalem ambientes diferenciados, pendurem-se, escorreguem, rolem, joguem bola e brinquem.

Diante desta realidade, comecei a indagar acerca dos espaços que as crianças têm hoje para brincar, onde nossas crianças estão brincando, e o quanto o espaço da escola favorece o brincar. Tenho me preocupado muito com estas questões, pois venho percebendo que a escola também está negando às crianças o tempo e os espaços do brincar em detrimento das outras linguagens. Os professores alegam que os espaços dentro de algumas instituições não são amplos, que existem muitas turmas para a utilização de um mesmo espaço, e que por isso o brincar só acaba acontecendo nos momentos do recreio, ficando assim cada vez mais reduzido na vida de nossas crianças.

Assim, me proponho a fazer uma análise da forma com que as brincadeiras acontecem dentro dos espaços externos de uma instituição de Educação Infantil da rede municipal de

Belo Horizonte.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

Em fevereiro de 1965, à Rua Marquês do Lavradio iniciam-se as primeiras atividades letivas da Escola Ivone Cabral/Jardim da Infância, mantida pelo Governo do Estado de Minas Gerais.

No final de 2008 em concordância com o governo municipal de Belo Horizonte, a escola foi municipalizada.

A Unidade Municipal de Educação Infantil iniciou suas atividades letivas no dia 02 de fevereiro de 2009, vinculada a uma escola polo. Atendendo crianças do 2º ciclo (3 a 5 anos de idade), sendo: três turmas de três anos, duas turmas de quatro anos e três turmas de cinco anos no 1º turno. No 2º turno havia duas turmas de quatro anos e quatro turmas de cinco anos.

Em fevereiro de 2010 a UMEI passou a ser vinculada à uma outra escola polo devido á algumas intervenções sofridas Com capacidade para atender quatrocentas e quarenta crianças a UMEI, hoje, vive uma nova realidade, mais confiante, mais autônoma e mais preparada para oferecer uma educação de qualidade para crianças de 0 a 5 anos e oito meses de idade da comunidade e entorno.

A UMEI, hoje com pouco mais de quatro anos de existência, vem cumprindo seu papel na sociedade de garantir e legitimar o direito dessas crianças a uma educação de qualidade, com a função de cuidar e educar, respeitando as especificidades de cada uma, valorizando as experiências vividas na comunidade, os aspectos étnicos, culturais e a transmissão dos saberes construídos ao longo desta história fortalecendo a tradição deste povo.

Os conteúdos da educação infantil estão organizados com o objetivo de abranger diversos e múltiplos espaços de elaboração de conhecimentos e diferentes linguagens, a construção da identidade, os processos de socialização e o desenvolvimento da autonomia.

Temos como meta, um trabalho de construção de conhecimentos, respeitando o desenvolvimento natural, individual e integral da criança.

Para organizarmos o trabalho desenvolvido na UMEI utilizamos o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” e as “Proposições curriculares da Educação infantil da Rede Municipal de Educação e creches conveniadas com a PBH” para nos orientar, e seguirmos suas formas de organização. Estruturamos os eixos de trabalho de forma que as práticas de cuidado e educação integrem todos os aspectos do desenvolvimento infantil, compreendendo a criança como um ser completo, indivisível.

A organização dos trabalhos nas turmas acontece por linguagens, hoje trabalhamos

com a linguagem oral e escrita, linguagem matemática, linguagem corporal, natureza e sociedade, brincar, arte.

Hoje a UMEI atende cerca de quatrocentas crianças com oito turmas de tempo parcial (manhã 7:00-11:30), nove turmas de tempo parcial (tarde 13:00-17:30) e quatro turmas de tempo integral. Somando - se ao todo vinte e uma turmas de educação infantil.

3.1 O espaço externo da UMEI

A unidade onde farei minha intervenção possui um pátio amplo, mas único, sendo uma parte coberta que chamamos de quadra, um espaço reservado ao chuveirão, um hall de entrada sendo parte dele coberto, com escadas e rampa que dão acesso ao pátio escolar. A UMEI possui dois andares e podemos contar com os corredores do primeiro e segundo piso onde podemos fazer algumas atividades, mas como os corredores é o meio de acesso às salas não se podem utiliza-los a todo o momento. Em caso de chuva as crianças permanecem o tempo todo dentro de sala, pois a Umei não possui espaço externo para as atividades que contemplem o brincar. O pátio apenas é utilizado para as atividades de recreio e um rodão (atividade feita com as crianças para o momento de café dos professores) que é feito todos os dias no pátio com uma média de cento e oitenta crianças. Neste momento as crianças são divididas por pares de idade, grupos de três, quatro e cinco anos, três professoras diferentes assumem cada uma um grupo diferente e utilizam partes diferentes deste espaço. Sendo que um grupo ocupa o hall de entrada, outro grupo ocupa o pátio e o terceiro grupo utiliza os corredores do primeiro ou segundo piso.

Diante desta realidade tenho a intenção de desenvolver um projeto de intervenção pesquisando e buscando juntamente com os professores formas de aproveitar da melhor forma possível o espaço externo dentro desta Umei, aproveitando a oportunidade para promover o resgate de brincadeiras tradicionais, buscando o apoio das professoras e das famílias para que esta proposta possa ser realizada.

4. METODOLOGIA

O atual trabalho foi desenvolvido com seis professoras sendo que três delas atuam como referência das turmas e três professoras que atuam trabalhando com projetos específicos. Escolhi este grupo, pois percebia que estas professoras estão sempre enganchadas nos projetos tem envolvimento com o que fazem e isto poderia ser um ponto positivo para que eu pudesse fazer minha intervenção. As professoras referências escolhidas trabalham com turmas de três, quatro e cinco anos respectivamente onde as crianças foram protagonistas no desenvolvimento deste trabalho.

Observei juntamente com as professoras os espaços disponíveis dentro da Umei e como estes espaços vinham sendo utilizados pelas crianças, levantamos possibilidades de utiliza-lo de forma que as idades pudessem se interagir. Comecei a indagar: Do que as crianças brincam? Como brincam? Quando brincam? Onde brincam? Pensando em tudo isto fiz uma proposta ao grupo de trabalhar com atividades dinâmicas, que pudessem contemplar o desenvolvimento integral das crianças. Acreditei ser muito interessante um trabalho, voltado para o resgate das brincadeiras tradicionais dentro do espaço da Umei.

5. COLETA DE DADOS

Observação, o brincar em uma turma de três anos.

Comecei observando as crianças dentro de sala, elas fizeram um momento de brincadeira com brinquedos como: carrinhos bonecas, bichinhos de pelúcia, entre outros no início do turno enquanto esperava pelos coleguinhas que ainda não tinham chegado, de acordo com a professora ela tem esta prática todos os dias, pois é uma forma de aguardar todas as crianças chegarem.

Durante o recreio, observei que estas crianças têm preferências por brincar mais próximas das professoras e preferem brincar com os brinquedos de subir e descer, casinha, bola. Pedem a intervenção das professoras muitas vezes durante as atividades.

Final do dia a professora deu massinha para as crianças para deixá-las mais tranquilas para o momento da saída.

O brincar em uma turma de quatro anos.

Antes do recreio não percebi nenhum momento destinado ao brincar, fizeram a rodinha de conversa, elaboração a rotina do dia, fizeram registro da rotina, até o momento do recreio.

As crianças desceram com a professora em fila, e dispararam numa correria tremenda pelo pátio logo que desceram as escadas, era o momento do recreio neste grupo as crianças principalmente os meninos brincaram mais de super. Homem, Homem aranha, Bem 10 e outros personagens que conhecem da televisão. As meninas brincaram mais de princesas, casinha, percebi que este grupo busca menos a intervenção do professor, percebi também que algumas crianças já se apresentam como líder e conseguem manipular o grupo com suas vontades e interesses, por exemplo, os meninos jogando bola existe um líder que diz quem entra, quem sai como brincar.

Ao voltar para a sala a professora deixou as crianças brincarem com lego, segundo ela isto acalma um pouco antes de voltar para as atividades.

O brincar em uma turma de cinco anos

No terceiro dia observei uma turma de cinco anos para ver como, quando e onde acontecia o brincar desta turma. Iniciou a rotina, as turmas juntamente com as professoras elaboraram a rotina do dia e neste momento a brincadeira não foi contemplada, continuamos com uma rodinha de conversa onde foi bastante explorado a linguagem oral.

No momento do recreio me pus a observar a organização e as brincadeiras das crianças. Neste grupo os meninos têm preferências por brincar com os meninos e as meninas com as meninas, os meninos gostam de brincar de bola, correm o tempo todo, mas não existe uma brincadeira específica, as meninas se agrupam e fazem da blusa de frio os seus bebês, brincam também de salão de beleza, saem para fazer compras, andam de carro, às vezes permitem que um menino ou outro entre na brincadeira, neste momento percebe-se um esboço da brincadeira de papai, mamãe ou casinha.

Algo que achei bastante interessante é que no meio do pátio existe uma quadra coberta, e para sustentar esta cobertura existem uns ferros de sustentação. Meninos e meninas de repente começaram a escalar os postes de ferro, como se estivessem subindo em ‘árvores’, achei estranho e perigoso, interferir chamando as professoras para que elas pudessem fazer as intervenções juntamente das crianças, foi quando uma das professoras colocou que ela que tinha ensinado as crianças escalam aqueles postes, pois ela sentiu necessidade de mostrar as crianças que era possível escalar, comentou que na sua época de infância as crianças subiam e desciam de árvores e que a brincadeira era tranquila, no mesmo momento aderi a ideia e percebi que hoje em dia as crianças tem dificuldades de escalar, de subi e descer dos lugares, comprei a ideia e me dispus a brincar com a meninada quem conseguia subir mais alto, quem subia mais rápido e outras questões que foram sendo levantadas no decorrer da brincadeira.

Continuei minha observação destas três turmas durante mais dois dias só que desta vez priorizei a observar as atividades no pátio. Nesta Umei acontece uma dinâmica interessante, três turmas de três, três turmas de quatro e três turmas de cinco anos (somando o total de nove turmas) se reúnem no pátio para o momento do lanche e uma atividade dirigida, neste momento os professores não acompanham as crianças, pois é o momento do café das professoras. Quem acompanha as crianças neste momento no pátio é a coordenadora, a professora de atividades compartilhada, com ajuda de mais duas funcionárias da escola.

É o momento da roda (rodão como é chamada pelas crianças) acontece da seguinte forma: nos revessamos no pátio de forma que enquanto um grupo de crianças lancham os outros dois grupos (grupos composto por três turmas cada) participam do rodão com contação

de histórias, músicas, show de calouros. Esta atividade favorece o encontro das crianças de idades diferenciadas e a interação entre elas. O que acreditamos ser de grande importância para a socialização e interação das crianças.

Acontece também o momento do recreio que favorece os pares de idade, crianças com a mesma idade cronológica. Neste momento não há proposta por parte do professor é um momento de brincadeiras livres, como dizem as próprias professoras, as crianças é que se organizam e brincam entre elas, priorizando as brincadeiras de bola, casinha, foguete que é um brinquedo que tem no pátio da escola, ou correm a maior parte do tempo brincando de pegador, ou imitando o Super herói favorito. Percebi que neste momento as professoras se colocam como mediadoras dos conflitos e observadoras, elas não se envolvem nas brincadeiras das crianças.

Em um dos dias de observação percebi que aos poucos foi se criando um aglomerado de meninos e meninas num canto do pátio, um dos meninos girava uma tampinha de detergente no pátio da escola as crianças se reuniram em torno dele para ver a tampinha que ao ser girada pelas mãos do menino, rodopiava pelo pátio da escola. Quando me aproximei, logo perguntei o que estava acontecendo, JP me disse: Kátia, nós estamos brincando de pião, foi o meu avô que me ensinou, mas eu já conhecia esta brincadeira é blay blade.

6. PLANO DE AÇÃO

Através das observações feitas, principalmente diante do relato de JP iniciei minha intervenção no mês de setembro quando me propus a assentar com os educadores para conversar informalmente. Optei em trabalhar com seis professoras, com turmas de idades de três, quatro e cinco anos, sendo três referências e três que trabalham apoiando as turmas com projetos de dança, teatro, arte. Naquele momento o meu questionamento era de saber qual era a visão delas com relação ao espaço externo da UMEI, como elas percebiam as brincadeiras das crianças, o que poderíamos fazer para que as crianças utilizassem mais e de melhor forma o espaço externo da UMEI. A proposta era de se ter um olhar diferenciado para o espaço externo da Umei, sensibilizando-as da importância de observar este espaço e trazer propostas diferenciadas para ele, propostas estas que contemplassem o desenvolvimento integral das crianças, de forma que pudéssemos trabalhar com atividades que envolvessem o corpo e a mente das crianças,

Nestes momentos de conversas com as professoras, que coloquei que havia observado que as crianças brincavam na maior parte do tempo dentro de sala de aula de maneira estática, na maioria das vezes observa as crianças assentadas, brincando com massinha, jogo de lego, monta tudo e outros nas mesas, Perguntei a elas o porquê de não utilizarem o espaço externo visto que o mesmo é amplo e seria possível de realizar várias brincadeiras. As professoras alegam que o pátio está sempre ocupado, e que não existe espaço para todos. Aproveitei para comentar sobre o relato do JP que havia ouvido anteriormente sobre o avô que havia lhe ensinado a brincar de pião e da importância de levar este conhecimento para as outras crianças de que nossos pais assim como nós também brincavam, e que muitas vezes construíam seus próprios brinquedos. Foi ai que veio a ideia de aproveitar o espaço e trazer para dentro dele atividades que contemplassem o brincar e ao mesmo tempo o resgate cultural relacionado às brincadeiras antigas. A aprovação foi unânime por parte dos professores, já que a proposta tinha sido aceita pelas professoras achamos de extrema relevância conversar com as crianças sobre a proposta de trazer para o espaço externo da Umei brincadeiras diferenciadas das que elas brincam atualmente e da importância do resgate histórico, assim poderíamos fazer pesquisas, e buscar informações com pessoas das famílias sobre brinquedos e brincadeiras tradicionais. Tivemos de imediato a aprovação por parte das crianças, principalmente as de quatro e cinco anos que logo começaram a se envolver com o projeto.

Resolvi juntamente com o grupo de professoras e crianças fazer uma coleta de dados com o objetivo de verificar quais os espaços que a Umei nos proporcionava para as atividades

relacionadas ao brincar.

Sentamos para conversar com as crianças e fizemos a elas as seguintes perguntas: Quais os lugares fora da sala que vocês mais brincam? A maior parte das respostas elegeu o pátio como o lugar onde as brincadeiras acontecem. Quais os outros lugares da Umei que poderíamos brincar? Surgiram várias respostas como: o corredor de entrada, os corredores das salas, perto do chuveirão. Quando perguntamos É possível brincar com as crianças de outras salas? A maior parte das crianças disse que sim, o aluno D fez até um comentário “cada professora pode ficar num lugar diferente com as crianças, ou mesmo podemos ficar brincando juntos”.

Através da conversa com as crianças conseguimos verificar que a Umei contém espaços que são pouco utilizados, mas que é possível a utilização dos mesmos. Com esta coleta de dados conseguimos perceber que a maior parte das professoras não consegue perceber o espaço como espaço de todos, elas acreditam que se uma determinada turma está ocupando o espaço do pátio é inviável que outra turma o utilize também, o que acaba por não permitir a interação e as trocas entre as crianças, diferente da visão das crianças.

Para isto buscamos entender e nos apropriarmos melhor do assunto. Estudamos e discutimos alguns textos relacionados ao assunto, os textos sugeridos foram: PEREIRA, Eugênio Tadeu. *Brincar e criança*. DEBORTOLI, José Alfredo. *Educação infantil e conhecimento escolar do livro Brincares*. KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos tradicionais infantis*,

Começamos a utilizarmos dos horários de tempo pedagógico dos professores para conversarmos sobre a leitura dos textos, a princípio foi muito difícil houve muita resistência por parte dos professores e alguns questionamentos como: Porque temos de ler os textos , não seria melhor entrarmos logo na discursão? Não temos tempo para ler os textos, temos tantas coisas para fazer, sabemos que é importante, mas estamos muito apertadas, por isto foi feita a proposta de fazermos juntas as leituras dos mesmos e fomos discutindo as questões que achávamos relevantes, através das discursões fomos criando estratégias para execução das atividades.

Enviamos um questionário para as famílias para sondar como eram, quais eram e como aconteciam as brincadeiras na infância deles. À medida que os questionários foram voltando fazíamos comentários com relação às respostas dos pais, e elegemos através de votação dentre as brincadeiras citadas pelos pais, algumas para brincarmos no espaço externo da UMEI. As brincadeiras mais votadas foram as seguintes: Corre cutia, Queimada , cantigas de roda , amarelinha, cabra cega, pique cola, as crianças também elegeram a brincadeira de esconde-esconde mas ao brincarmos percebemos que o espaço era muito aberto e as crianças

não conseguiam se esconder, desistiram da brincadeira .

Entramos em contato com algumas famílias para verificar quem se disponibilizaria a vir na Umei para brincar, confeccionar, juntamente com as crianças e professoras, brinquedos e brincadeiras que realizavam quando criança. E para nossa surpresa muitos pais se propuseram a confeccionar em casa, juntamente com as crianças alguns brinquedos, que foram enviados para que as crianças pudessem utilizar do espaço externo da escola para brincarem e socializarem os brinquedos.

Selecionamos também seis mães que escolhemos de acordo com o tempo e horário de cada uma para virem a Umei, com propostas de realizarem algumas brincadeiras e confeccionar brinquedos.

1ª atividade

A mãe de um aluno de turma de três anos foi à escola e se prontificou a confeccionar juntamente com as crianças um foguetinho também conhecido como Barangandão. A mãe chegou à sala com o material que havia solicitado e com a proposta de fazer um “foguetinho” para cada criança, e começou a contar que quando era pequena as crianças brincavam muito deste brinquedo, pois era fácil de confeccionar e que na época o chamavam de foquetinho porque quando girava parecia que ia voar, mas que existiam outras nomenclatura para a brincadeira de acordo com cada região do país.

A mãe confeccionou com as crianças e depois desceram para brincar no pátio.

Durante o depoimento da mãe uma criança perguntou

-“ Mas não é um foguete? Para que fitas coloridas, ele vai voar” ?

- “A mãe comentou que poderia até voar se rodássemos com bastante força no ar”.

2ª atividade

A segunda mãe de uma turma de quatro anos veio com a proposta da brincadeira de corre cotia, também conhecida como Lenço atrás.

Ela relatou que na sua infância, ela juntamente com os irmãos brincavam muito desta brincadeira, comentou também que como era pequena demais os outros participantes da brincadeira sempre a pegavam e ela tinha de ficar no meio da roda e quase não participava da brincadeira, mas mesmo assim ela gostava muito de brincar e acabava brincando no centro da roda com as outras crianças que iam sendo pegadas.

Fomos para o pátio e iniciamos a brincadeira, mas na hora que a primeira criança foi pega Geovanna disse:

-“Acho melhor mudar a brincadeira, ao invés de ficar no meio podemos pagar uma prenda, como fazemos na escola“. O grupo concordou com a proposta da Geovanna.

Geovanna faz um comentário baseada na questão e que ela já conhecia a brincadeira, pois já havia brincado na escola e faz uma consideração de que ela achava melhor.

Podemos perceber com o comentário da Geovanna que as brincadeiras vão mudando e transformando de acordo com a realidade de cada lugar ou do grupo que brinca.

3ª Atividade

A terceira mãe da turma de criança de cinco anos Ensinou a fazer peteca, utilizando penas artesanais de galinha, retalhos de couro. Ela relata que como na época em que era criança, os pais quase não tinham dinheiro para comprar brinquedos para os filhos, então seu pai e sua mãe faziam petecas enquanto as crianças dormiam e davam de presente para os filhos. Comenta também que até hoje sua mãe faz petecas para as crianças, só que hoje ela vende nas feiras. A mãe confeccionou uma peteca junto com as crianças e posteriormente trouxe uma peteca para cada criança da sala. No dia da confecção fomos todos para o pátio para brincarmos e continuamos a brincar por muitos dias, pois como cada criança ganhou uma foi possível emprestar para outras turmas.

Como esta mãe tem filhos em duas turmas da UMEI ela também foi a turma de três anos para brincar de Elefantinho colorido, ela relata que sua mãe brincava muito com os filhos e que por diversas vezes brincavam até dentro de casa, que era muito divertido. Brincamos no pátio com as crianças que também se divertiram muito, quando era dada a ordem a principio ficavam meio perdidas sem saber onde procurar , as mais espertas corriam logo e chamavam as mais lentas, as crianças gostaram e continuam pedindo para que as professoras brinquem com elas no pátio, ampliando assim a utilização do espaço externo da escola.

4ª Atividade

A mãe da turma de cinco anos nos ajudou a pular corda, e a jogar o pião. Com relação à brincadeira de corda a mãe relata que ficava na rua grande parte do tempo e a brincadeira preferida era pular corda e que considera uma pena que hoje muitas crianças não sabem pular corda ou não tem espaço para brincar, comentou também que enquanto pulavam cantavam cantigas que ia ditando a forma de pular.

Algumas crianças tiveram muita dificuldade com a brincadeira, outras pareciam ser socializadas com a mesma, tivemos que começar com a corda rasteirinha no chão e fazer com

as crianças se sentissem seguras para pular, hoje muitas crianças que tiveram dificuldades no início já se familiarizaram com a brincadeira.

Com relação ao pião foi muito engraçado, primeiro os meninos acreditavam que esta era uma brincadeira exclusiva dos meninos e que as meninas não deviam participar chegaram até a dizer: - “O dia que uma mãe vier ensinar brincadeiras de meninas nós não vamos participar tô fora”.

Foi também lembrado da tampinha de detergente que JP brincava no pátio, resolvemos confeccionar pião para todo mundo para isto foi feita uma pesquisa para saber como poderíamos confeccionar o pião, surgiram várias ideias, mas optamos por trabalhar com cds usados, tampinhas de refrigerante, e uma bolinha de gude, posteriormente percebemos que as bolinhas de gude estavam ficando perigosas pois elas soltavam e as crianças estava colocando na boca , elegemos então colocar um lápis no centro do cd,que também funcionou perfeitamente.

5ª Atividade

Quem foi nos ensinar foi irmã de uma criança, pois a mãe não teve como comparecer, a mesma faz educação física e nos contou que sua mãe brincava muito com elas e hoje ela tem vontade de passar as brincadeiras para frente, porque percebe que quase não existe espaço para que as brincadeiras aconteçam. Contou-nos uma história sobre bola de fogo que na queimada é como se quisemos eliminar o adversário por isto enviamos a ele uma bola de fogo que ele deve segurar e mandar de volta para o outro time se deixar cair ou se a bola encostar-se a qualquer parte do corpo você é queimado.

A principio as crianças acharam que deviam ficar parados para que a bola de fogo queimasse só aos poucos começaram a perceber que tinham de corre da bola ou agarra-la foi difícil no início mas hoje pedem o tempo todo para brincarem de queimada.

A irmã da nossa aluna achou o projeto interessante e decidiu nos ajudar uma vez na semana mantendo o projeto e aproveitando do espaço da UMEI para promover outras brincadeiras.

6ª Atividade

A mãe se propôs a brincar de cabra cega, no seu relato comenta que ela brincou muito desta brincadeira quando criança, mas que eles costumavam a enganar a cabra cega, escondendo dela para que ela não pudesse pegar.

Fomos para o pátio à diversão das crianças era ser pegas para ser a cabra cega.

7. CONCLUSÃO

Percebi que foi muito significativa a intervenção realizada, hoje percebo que o espaço externo da Umei foi e continua sendo melhor utilizado pelas crianças e pelas professoras graças as brincadeiras que foram propostas. As próprias crianças solicitam das professoras que brinquem de determinadas brincadeiras, outras professoras acabaram entrando no ritmo e também aderiram o projeto de intervenção, acabamos por fazer uma exposição com os brinquedos confeccionados pelas famílias e professoras e ainda hoje os pais perguntam se podem ir à escola para brincarem com as crianças. Percebo que está havendo uma maior interação família /escola que é muito importante, pois as crianças, famílias e professoras estão percebendo que a escola é um espaço de todos, as crianças ficaram muito contentes com a participação das famílias que foram a Umei para a confecção dos brinquedos e fizeram propostas de brincadeiras muito legais. Sem contar que os adultos estão interagindo com as crianças com propostas para brincar. Com relação ao resgate cultural relacionado ao brincar também foi de grande importância, pois as crianças tiveram a oportunidade de ouvirem dos familiares histórias e relatos de como brincavam. Hoje o espaço está sendo melhor utilizado e com a interação de idades diferentes .

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.: il.

CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6.ed. Belo Horizonte; Itália; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1898-1986.

CARVALHO, A.M.&BERALDO, K.A.(1989). Interação Criança-criança:ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. Cadernos de pesquisa, 71,55-61.

CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.; BICHARA, I.D. (Ed.). *Brincadeira e cultura : Viajando pelo Brasil que brinca*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DODGE, Janine e CARNEIRO, Maria Ângela Barbato. *A descoberta do brincar*. São Paulo: Melhoramentos/ Boa Companhia, 2007.

FRIEDMANN, Adriana: *Brincar: crescer e aprender o resgate do jogo infantil*. São Paulo: MODERNA, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil. Pró-Posições* Vol.6, N ° 2 (17), 46-63, Junho de 1995.

- KISHIMOTO, T.M. *Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: VOZES, 2003.

ROSSETTI-FERREIRA,M.C.;GOSUEN,A. *O meio interacional em transformação pelas novas tecnologias*.CINDEDI,USP,Ribeirão Preto,1999.(texto digitado).

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

<http://mundodaleitura.upf.br/programa/oficina/ver.php?numero=115>

<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/brincadeiras-regionais-nordeste-piao-700298.shtml>

<http://www.brasile scola.com/educacao-fisica/jogo-queimada.htm>

9. APÊNDICES

QUESTIONÁRIO ENVIADO AS FAMÍLIAS SOBRE O BRINCAR

MAMÃE E PAPAI

Estamos desenvolvendo com as crianças um trabalho sobre o resgate de Brincadeiras antigas dentro do espaço da Umei.

Pedimos a colaboração de vocês para que possamos enriquecer ainda mais o nosso trabalho, através das respostas á nossa pesquisa baseada nas perguntas que seguem abaixo .

Desde já agradecemos pela participação.

Professora /Coordenação.

1-Vocês se lembram das brincadeiras vivenciadas na sua infância , aquelas que faziam parte do seu dia a dia e que sempre foram tradicionais e inesquecíveis? Cite por favor , o nome de pelo menos três destas brincadeiras .

2-Dentre essas brincadeiras, quais eram as formas de brincar?

Vocês faziam ou criavam alguma forma diferente de brincar

3- Qual foi a brincadeira que mais marcou sua infância?

4- E sobre as brincadeiras de roda? Quais foram as cantigas mais cantadas ?

5- Quais os espaços utilizados para desenvolver estas brincadeiras ?

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO

Eu, ----- responsável
pelo aluno ----- ciente de
que se trata de uma pesquisa acadêmica do curso de Especialização em Docência na Educação
Infantil , sob a responsabilidade da faculdade de Educação da UFMG, autorizo a professora :
Lenita Kátia Silva de Oliveira a registrar, por meio de fotografias , vídeos ou apontamentos o
processo educativo no qual meu filho estiver presente , para fins acadêmicos.

Assinatura do responsável

Belo Horizonte,-----,de -----,de 2013.

10. ANEXOS

Brincadeiras desenvolvidas pelas mães:

A. Barangandão

- Materiais: 2 folhas de jornal, fitas plásticas de diferentes cores (pode ser também papel crepom), barbante fino, fita crepe, tesoura, fitas adesivas coloridas, lápis, régua
- Procedimentos:
 - 1º: Pegar uma das folhas de jornal e dobrá-la várias vezes até que forme uma tira de uns 6 cm de largura. Fazer o mesmo com a outra folha de jornal.
 - 2º: Cortar as tiras para que elas fiquem com 18 cm de altura. Prender as tiras de jornal com fita crepe para que não se desdobre.
 - 3º: Cortar 20 tiras de fitas plásticas coloridas.
 - 4º: Fixar em uma das extremidades da tira de jornal feita anteriormente 10 tiras de fitas plásticas bem juntas. Para isso, deve-se utilizar a fita crepe. Realizar o mesmo com a outra tira de jornal e com as outras 10 tiras de fitas plásticas.
 - 5º: Dobrar a tira de jornal ao meio sobre as fitas plásticas fixadas, para que fiquem bem presas entre o jornal. Cobrir a superfície de jornal com fita crepe unindo as duas partes. Realizar o mesmo com a outra tira de jornal.
 - 6º: Enfeitar a superfície coberta com fita crepe com as fitas adesivas coloridas.
 - 7º: Cortar dois pedaços de barbante com 1 metro cada e amarrar um em cada estrutura feita anteriormente.

Para brincar deve-se segurar um barbante em cada mão e girar o barangandão para frente em movimentos circulares! Pode-se também, depois de girar o barangandão bem rápido, soltá-lo no ar!

B. Corre cutia

Desenvolvimento:

Primeiro todo mundo que quiser brincar se senta em círculo com as pernas cruzadas. Aí, é hora de escolher um participante para ser cotia. A cotia recebe um lenço e é o personagem principal desse jogo. Sua tarefa é correr pelo lado de fora da roda, enquanto as outras crianças cantam a música. Antes do fim da música, a cotia deixa o lenço cair, muito discretamente atrás de alguém. Quando a música termina, todos olham para trás, para descobrir quem ficou com o lenço. Aí, é que fica emocionante!

O novo dono do lenço tem que sair correndo atrás da cotia que, por sua vez, também já disparou. Se o novo dono do lenço conseguir pegar a cotia antes que ela se sente em seu lugar, a cotia tem que assentar no meio da Roda e ficar até que a brincadeira termine. Se o novo dono do lenço não pegar a cotia ele fica sendo a próxima cotia e a brincadeira recomeça.

Áreas desenvolvidas:

Essa brincadeira ajuda no desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio, da atenção, concentração, agilidade e força muscular.

Corre Cotia é uma cantiga popular brasileira. Ninguém sabe com certeza quem compôs a música, nem como a brincadeira surgiu. Só se sabe que ela é jogada há muitos e muitos anos, desde os tempos dos avós dos nossos avós.

Durante esta brincadeira houve uma intervenção de uma das crianças, ela propôs que ao invés da criança pega ficar no meio esta deveria pagar uma prenda ou ficar no meio até que outra criança fosse pega. A mãe acolheu juntamente com o grupo a sugestão da criança.

C. Peteca

Material

Penas artesanais (coloridas) de galinha

Círculos recortados de couro

Manta acrílica

D. Elefantinho colorido

Numero de participantes três ou mais.

Desenvolvimento:

Um participante é escolhido para comandar, no caso de crianças mais novas o ideal é que seja um adulto. Ele fica à frente dos demais e diz: “Elefantinho colorido!”. Os outros respondem: “Que cor” O comandante então grita o nome de uma cor e os jogadores correm para tocar em algo que tenha aquela tonalidade.

Quanto mais longe o acesso à cor, mais difícil o jogo fica. Para os mais velhos a brincadeira ficará mais divertida se o comandante perseguir os outros participantes e tentar capturá-los antes que eles cheguem à cor. O primeiro capturado vira o próximo comandante.

Áreas desenvolvidas:

Área cognitiva: Há associação da palavra com o objeto, Noção espacial Conhecimento das cores, discriminação visual .

Área físico motora: Habilidade de correr, pegar e fugir.

Área social: Estimula as interações – Muitas vezes as crianças procuram as cores nas outras crianças (nas roupas) e outras, elas ajudam outras colegas e os estimulam a se apressar.

E. Corda

Numero de participantes: Um que pode pular sozinho Ou mais (uma criança de cada lado segurando a corda) e as outras pulando.

Desenvolvimento:

É possível brincar sozinho, em dupla ou em grupo. Se estiver em dupla, amarre uma das pontas da corda em algum lugar, assim um participante pode bater para que o outro pule. Quando o grupo é maior, duas pessoas batem para que os demais brinquem. Alguns conseguem pular junto com outra pessoa ou com duas cordas ao mesmo tempo. Enquanto aguardam, os demais contam ou cantam as músicas com as instruções sobre como se deve pular. Ganha quem conseguir pular mais vezes com os pés juntos sem errar e sem pisar na corda.

Variações: Existem várias músicas e técnicas para pular corda. Uma das canções bastante presentes no Brasil é "Um homem bateu em minha porta e eu abri / Senhoras e senhores: ponham a mão no chão! / Senhoras e senhores: pulem em um pé só! / Senhoras e senhores: deem uma rodadinha! / E vá pro olho da rua!" A cada frase, quem está pulando tem de fazer o que a música propõe e, ao final, deve sair da corda sem tropeçar.

Áreas desenvolvidas:

Área físico motora: Desenvolve aptidões de pular , resistência , coordenação, controle visomotor (perceber o momento de pular).

Área social: Há uma competição entre as crianças e um desafio de cada um no sentido de melhorar o desempenho.

Área da linguagem: Dado pelas cantigas

Área cognitiva: Conhecimento matemático (contagem), iniciativa de rimas e pulos diferentes.

Área afetiva: Paciência, esperar a vez.

Pular corda a princípio parece algo muito simples mas muitas crianças ainda não desenvolveram a habilidade de pular.

F. Pião

Numero de jogadores: um ou mais

Desenvolvimento:

São duas as principais formas de brincar com o pião. No jogo sem desafios, os participantes apenas mostram suas habilidades botando o pião para rodar.

Para isso, enrola-se a corda no pião segurando uma ponta do barbante e lançando o brinquedo no chão. A ação é mais complicada do que parece e dificilmente se obtém êxito nas primeiras tentativas.

Já os mais experientes exibem o domínio sobre o brinquedo colocando o pião para rodar na palma da mão ou na unha do dedo e o pegando no chão.

No jogo com desafio, os participantes desenham um círculo no chão e todos precisam arremessar seus piões no centro do círculo. Quem não conseguir, deita o seu pião dentro do círculo. Os piões deitados são disputados pelos outros jogadores que conseguirem atingir o centro do círculo.

Outros possíveis nomes para esta brincadeira .

Pinhão, carapeta, carrapeta

Áreas desenvolvidas: Coordenação motora, concentração, atenção, agilidade

A quinta mãe trouxe a proposta da queimada para as turmas de quatro e cinco anos.

G. QUEIMADA

Queimada é um jogo esportivo muito usado como brincadeira infantil. O material utilizado é uma bola de vôlei ou de borracha, de tamanho médio. O local é um terreno plano, de forma retangular, demarcado por linhas que deve ter mais ou menos 16 m de comprimento por 8 m de largura, sendo dividido em dois campos iguais, por uma linha reta e bem visível traçada no solo. O tamanho do terreno pode variar conforme o número de jogadores. O jogo pode conter vinte ou mais jogadores. As qualidades desenvolvidas são movimento, destreza, domínio e cooperação. O objetivo do jogo é fazer o maior número possível de prisioneiros em cada campo. O grupo vencedor será aquele que fizer o maior número de prisioneiros dentro de um tempo pré-estabelecido, ou então aquele que aprisionar todos os jogadores adversários.

Cada time fica situado em um campo e um dos jogadores de cada lado deverá ser colocado atrás da linha de fundo do campo adversário. A partida do jogo é iniciada com o apito do instrutor, assim um jogador do partido a quem coube a bola arremessa-a ao campo adversário com o objetivo de atingir, “queimar”, algum jogador adversário. O jogo de queimada também pode ser conhecido por outras denominações, como: Barra Bola; Bola Queimada; Cemitério; Mata-mata; Mata-soldado; Queimado; Caçador no estado do Paraná e Rio Grande do Sul; Carimba no estado do Ceará; Baleado no estado da Bahia. A brincadeira do jogo de queimada não existe número estabelecido de participantes, as regras não são muito

rígidas, porém o objetivo é o mesmo: Eliminar a equipe oposta.

H. Fotos de brincadeiras nos espaços externos da Umei



jogo de boliche dentro de sala em dias chuvosos



Brincadeira de vai e vem no corredor do segundo piso da Umei.



Brincadeira de corrida do saco na quadra coberta da Umei.



Brincadeira de subir no cano de sustentação do toldo da quadra da Umei.



Brincadeira de amarelinha no pátio descoberto da Umei.

I. Registro das brincadeiras:

